

Pedofilia

A pedofilia afigura-se uma problemática cada vez mais preocupante na nossa sociedade, caracterizando-se por um acto ou fantasia de ter contactos sexuais com crianças em idade pré-púbere (inferior a 13 anos). A criança ou o adolescente é usado para gratificação sexual, por um adulto ou adolescente mais velho.

A atracção sexual que os pedófilos sentem por crianças é por vezes exclusiva, enquanto noutras, se manifesta em conjunto com uma atracção por adultos.

Grande parte dos abusos sexuais são perpetrados por pessoas que já conhecem a vítima, como por exemplo o pai, a mãe, madrasta, padrasto, tios, avós, vizinhos, amigos da família. O abuso ocorre, com frequência, dentro ou perto da casa da criança ou do agressor.

Os pedófilos desenvolvem técnicas para obterem acesso às crianças, nomeadamente a confiança da mãe ou até casarem-se com esta, raptar ou ainda traficar crianças.

A vítima é a criança e encontra-se em desvantagem, não fazendo ideia das intenções do pedófilo, nem que o afecto expresso não é genuíno; assim, o afecto das crianças é manipulado através de todo o tipo de prendas, jogos, doces, etc.

As crianças-alvo são usualmente as mais fragilizadas e com baixa auto-estima. Alguns ameaçam a criança de morte ou de matar algum familiar, ou ainda, de revelar que foi ela que lhe pediu para ter sexo, evitando desse modo que os seus actos perversos se tornem públicos.

Afinal, porque os pedófilos molestam as crianças? Não existe uma única resposta. Sabemos apenas que existem pedófilos que abusam de crianças, pela simples motivo de que se sentem sexualmente atraídos por elas. Outros molestam crianças para criar a intimidade que não conseguem com os adultos, por serem demasiado tímidos ou incapacitados para tal. Por fim, outros abusam por terem sido vítimas de abuso sexual na infância.

Estes homens (e são habitualmente homens, embora seja importante reforçar a ideia de que a pedofilia é também praticada por mulheres) são parte integrante da comunidade,

da nossa rede de amizades, exercendo a nível profissional toda uma diversidade de profissões.

Estima-se que poucos casos, na verdade, são denunciados, por comparação com aqueles que se presumem existir. Quando há o envolvimento de familiares, existem poucas probabilidades de que a vítima faça denuncia, seja por motivos afectivos, ou por medo do agressor, ou ainda, medo de perder os pais, ou de que estes e outros membros da família não acreditem na sua história.

As crianças vítimas de abuso apresentam frequentemente mudanças de comportamento, e desenvolvem quadros de depressão clínica, nos quais se destacam as alterações do apetite, os distúrbios do sono, e o choro sem motivos aparentes.

Os distúrbios do sono são um indicador de abuso sexual. As crianças apresentam pesadelos recorrentes, acordam durante a noite a chorar e assustadas, a insónia é frequente; por outro lado, dormir em excesso também pode ser um indicador de abuso sexual, como forma de escapar à realidade através do sono. Os sintomas podem ainda comportar falta de apetite, ansiedade, evitar ir à escola, ou evitar de ficar em casa, se os abusos forem cometidos nesta, etc.

Ao nível de traços no desenvolvimento da personalidade, apresentam sentimentos de desconfiança, sensação de vergonha, problemas ao nível dos relacionamentos, culpa, medo, hostilidade, baixa auto-estima, distorção corporal, entre outros.

A sintomatologia comum não implica um diagnóstico directo de abuso sexual, mas deverá constituir um ponto de partida para uma avaliação mais aprofundada através de técnicos especializados.

A prevenção é deveras importante e essencial, podendo evitar a consumação de um acto que irá marcar profundamente o desenvolvimento da criança. Os pais devem informar-se sobre o despertar da sexualidade na criança, conversar e ouvi-la, explicar-lhe o funcionamento do corpo, bem como o direito ao respeito e à protecção por parte dos adultos.

O acompanhamento psicológico feito pelo psicólogo é essencial, visando este minimizar os danos causados pela violência do acto, e a reestruturação psicológica e emocional da criança e/ou adolescente.

Duarte Gaiato

Psicólogo Clínico Estagiário 10-11
Universidade Lusíada de Lisboa